

AMBIÊNCIAS URBANAS E GÊNERO

Atravessamentos metodológicos para re-sensibilização das cidades

URBAN ENVIRONMENTS AND GENDER

Methodological crossings to re-sensitize cities

A. Mariana Valicente & B. Ethel Pinheiro

LASC/PROARQ, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

mvalicente@gmail.com

ethel@fau.ufrj.br

RESUMO

Este artigo pretende discutir algumas problemáticas urbanas e tensionar metodologias a fim de possibilitar a análise de subjetividades inerentes à formação de territórios que estruturam o espaço público no Brasil. Ao abraçar novas narrativas e obter perspectivas inclusivas no planejamento urbano e políticas públicas, considerando não apenas o espaço físico, mas também as ambiências e performances cotidianas, foca-se na relação do corpo com o ambiente urbano como unidade de análise. Tentando fugir das limitações de uma abordagem reducionista de gênero no espaço urbano, a intenção é apontar possibilidades metodológicas em pesquisas dessa natureza, ao apresentar metodologias combinadas que corroboram para a prática da pesquisa de viés etnográfico e pesquisas qualitativas no espaço público. Assim, por meio de análises do corpo e ambiências das batalhas de poesia de Slam, surge a ótica das *corpografias*: a coreografia de corpos políticos atuantes no espaço urbano como alternativa de resistência em uma cidade excludente.

Palavras-chave: Ambiências Urbanas, Corpo, Gênero, Poesia de Slam

Linha de Investigação: 3. Dinâmicas Urbanas

Tópico: Gênero e Cidade

ABSTRACT

This article intends to discuss some urban problems and to trigger new methodologies in order to rethink possibilities for the analysis of the subjectivities that make up the construction of territories in public spaces. When embracing new narratives and obtaining inclusive perspectives in urban planning and public policies, considering not only the physical space, but also the daily environments and performances, it focuses on the relationship of the body with the urban environment as a unit of analysis. Trying to escape the limitations of a reductionist approach to gender in urban space, the intention is to point out methodological possibilities in research of this nature, by presenting combined methodologies that corroborate the practice of urban ethnography and qualitative research in the public space. Thus, through analyzes of the body and ambiances within the Slam Poetry battle, the perspective of corpography emerges: the choreography of political bodies operating in the urban space as an alternative of resistance in an excluding city.

Keywords: Urban Ambiences, Body, Gender, Slam Poetry

Research line: 3. Urban Dynamics

Topic: Gender and City

Introdução

A cidade, para além de sua materialidade, é construída por diferentes apropriações, performances e ambiências. O corpo é a unidade de medida básica para a arquitetura e urbanismo em sua exequibilidade, ou pelo menos deveria ser. Através da linguagem, tais corpos se impõem ao território¹, afetando-o e se deixando afetar, desafiando e ressignificando-o através de seu papel político. Ao mesmo tempo em que atua, o corpo reformula padrões de uso espaciais em ação recíproca. Deste modo, compreendemos que os espaços públicos são historicamente estruturas de consolidação de linguagem políticas, bem como os corpos que os formam. A ressignificação desses espaços e suas ambiências pelo poder da linguagem corporal – inscrita nas dinâmicas urbanas e pela ocupação de corpos resistentes, entendidos como aqueles que produzem ações de resistência – é uma provocação necessária para desvelar outras demandas não hegemônicas, funcionando como potente micropolítica de reivindicação de outras maneiras de ‘ser urbano’ e de tornar o cidadão um ator.

O exercício da cidadania está vinculado, em sua história, ao papel do espaço público de uso coletivo e sua apropriação. A Ágora grega é um importante marco da discussão ocidental, em que discurso e prática urbana estão atrelados, tornando-se ato político e social. Claramente essa prática exigia um corpo político específico e excluía parte da população, como atestado por diversos registros históricos (Aristóteles, 2002; Loraux, 1989; Ferraz Júnior, 2001). Uma pergunta ronda este artigo, então: como ultrapassar o discurso sobre a supremacia de gênero e ampliá-lo para a questão das permanências e domínios territoriais a partir da interpretação de uma cidadania, que desde sua origem excluiu e hierarquizou direitos e corpos?

Caminhando no tempo, encontramos Lefebvre ([1968] 2001) e sua conceituação sobre ‘Direito à Cidade’, o que reforça outras perguntas: Quem tem direito? Como alcançar espaços democráticos e não-excludentes? É certo que pensar em espaços públicos de uso coletivo é pensar em diversidade. Diferentes corpos, diferentes necessidades e diferentes contextos habitam os espaços públicos.

No Brasil, tal complexidade e diversidade fizeram com que muitas opressões históricas fossem enraizadas e naturalizadas, tornando a diversidade um parâmetro negligenciado na produção e composição das esferas urbanas. Nesse cenário, a arte urbana tem papel fundamental da crítica e inquietação, bem como manifestações e protestos são capazes de confrontar a realidade através de corpos, que por atuação de enfrentamento ou posicionamento, são políticos. Ao unir arte e corpos em manifestações no meio urbano, nos deparamos com um evento originalmente urbano e político, como as ocorrências das *Poesias de Slam* – nosso objeto de estudo. Este trabalho, portanto, utiliza a análise das micropolíticas de resistência, capazes de modificar ambiências, como metodologia para tensionar as relações entre espaço público e cidadania. Levanta-se, como questão central, a potência do corpo como agente transformador, que ressignifica e ressensibiliza as cidades com novas ambiências ainda que por períodos efêmeros.

Através de fundamentada revisão bibliográfica e reflexão metodológica acerca da tradicional abordagem que une o viés da etnografia urbana com outras formas de compreensão desses corpos no espaço (primordiais à

¹ O conceito de território abordado neste artigo deriva da relação político-espacial intrínseca às relações de poder que o conformam. Enfatiza-se, portanto, a relação de poder, interesses, conflitos e dominação de agentes e grupos na produção do que se compreende como território. (Souza, 2001)

linguagem da arquitetura e do urbanismo), tem-se como objetivo geral alcançar uma representação da complexidade do corpo na dimensão urbana a partir da Poesia de Slam como resistência reivindicação ao Direito à Cidade. Uma vez que a ideia de opressão pode ser territorializada e, de fato, demarcada por planos e projetos de controle, é preciso regenerar a ideia de um urbanismo inclusivo ao planejar espaços democráticos em nosso tempo, a partir da 'voz' e 'corpo' de seus usuários. Pretende-se, por fim, fomentar a discussão acerca das dinâmicas urbanas e práticas de resistência e cidadania, como estratégia para se repensar o planejamento urbano essencialmente ressensibilizador de (muitos) corpos.

1. Ambiências, Afeto e Corpo sob a ótica interseccional de gênero

Ao propor analisar a ótica do corpo na cidade considerando o 'Direito à Cidade' (Lefebvre, 1968), sob a perspectiva interseccional de gênero, a cidade é aqui abordada como conjunto de ambiências (ou atmosferas) diversas. Essas ambiências se conformam através das experiências no espaço, junção de fatores subjetivos e objetivos que se tocam, transformando-se. Cazal (2014) explicita essa relação ao afirmar que quando participamos de um ambiente somos imediatamente invadidos pela totalidade dele, e tal compreensão nos permite determinar quais serão nossos percursos e nossas ações, antes mesmo do deslocamento. Ou seja, construímos intenções atmosféricas ao perceber toda totalidade espacial e aderimos às ambiências. A ambiência, portanto, "não é composta somente pelo meio material onde se vive, mas pelo efeito moral que esse meio físico induz no comportamento dos indivíduos" (Bestetti, 2014: 602), ressaltando aqui o caráter contextual e afetivo da ambiência com relação ao corpo.

Assim, as ambiências se conformam através de experiências, afetividades e sensações em determinado meio. Podemos ter ambiências que afetam de maneira positiva ou negativa determinado indivíduo, ao passo que as ambiências também são afetadas pelo indivíduo. Nessa relação correlacional citamos a Teoria do Afeto, ao considerar relações de afetividades (positivas ou negativas) mútuas e simultâneas - ao afetar e ser afetado, ao ser condição e condicionado (Anderson & Ash, 2015), elementos ativos e passivos em constante troca: "Eu entendo o mundo porque estou situado nele e isso me envolve. Eu entendo meu corpo no momento em que experimento o corpo do Outro. A expressão do próprio corpo é, em última análise, o encontro e a comunicação de dados significativos correlatos no corpo do Outro" (Falabretti, 2010: 528).

Nós acreditamos que na perspectiva interseccional de gênero existe uma atmosfera recorrente, ora mais imponente, ora menos, que é a atmosfera do medo, resultado de opressões cotidianas e violências reiteradas pela indústria do medo. A cultura urbana destinou ao "feminino" a responsabilidade da família, e assim, da casa como lugar seguro e próprio, no qual "mulheres caseiras" devem cuidar e devem se resguardar, desassociando a cidade como parte contextual de seu habitat natural e de sua necessidade de representação cognitiva. Corpos de mulheres que transgridem essa lógica tornam-se naturalmente dissidentes, oprimidos e passíveis de serem violentados, mesmo que a cidade seja entendida como 'de todos'. Ao mesmo tempo, a casa também é o local de maiores taxas de agressões e feminicídio, sendo o Brasil o quinto na lista dos países que mais matam mulheres no mundo. Segundo o Mapa da Violência (Waiselfsz, 2016), 4.645 mulheres foram assassinadas em 2016, resultando em uma taxa de 4,5 homicídios por 100.000 mulheres. É necessário ressaltar que as mulheres negras são as mais atingidas pelo feminicídio, conformando 2/3 desse total, sendo crescente esses números para mulheres negras e indígenas enquanto decresce para mulheres brancas.

Ainda sobre perversas taxas, segundo o dossiê "A geografia dos corpos das pessoas trans" (Nogueira et al., 2017), o Brasil é o país que mais mata mulheres transsexuais e travestis no mundo, ao passo que também é o país que mais acessa conteúdo pornográfico sobre o mesmo grupo. Opressões e o não-pertencimento acompanham tanto o espaço público quanto o privado e rompem o binarismo de maneira interseccional. Porém,

com a mesma potência e presença que a ambiência/atmosfera de medo, existe a atmosfera de resistência, que conta com atos cotidianos, estratégias políticas, de circulação e de ocupação. A arte urbana tem papel crítico fundamental ao confrontar a realidade através de corpos políticos. “A arte como meio de inter-relação e expressão das sensações humanas contribui para a humanização dos espaços e pode ser apresentada por meio de suas mais diversas formas de manifestação.” (Falabretti, 2010: 605).

Através da junção de olhares de corpos políticos, nos deparamos com um evento originalmente insurgente, urbano e político, como as ocorrências das batalhas de Poesia de Slam. O Slam das Minas, exemplo de recorte de gênero dentro da poesia de Slam, é um movimento crescente, organizado, realizado e performatizado por mulheres (cis, trans e não-binárias), realizando batalhas de poesias que muitas vezes ocorre em espaços urbanos públicos em muitas cidades do Brasil. Este caso é visto aqui também como uma maneira corporal de mudança de ambiência e assim micropolítica capaz de reivindicar o Direito à Cidade pela apropriação, pela arte e pela voz daquelas que não são ouvidas, princípio elementar para repensar o planejamento urbano com base em demandas reais de inclusão e igualdade.

2. Insurgências rumo ao direito à cidade

A cidade é um espaço dinâmico que está constantemente em interação e composição, sendo palco de disputa de agentes produtores desse espaço. Tanto para Lefebvre (2008) quanto para Harvey (2012), a cidade reproduz segregação através de apropriações desiguais devido ao próprio sistema imposto pelo Estado para a produção do espaço urbano. Dessa forma, o tecido urbano contrapõe essas diferenças, fazendo da cidade o resultado não apenas material, mas principalmente subjetivo das relações entre as pessoas. Como resultado, diante de um meio urbano segregador formado, a realidade reserva o direito à cidade à parte específica da população. Ao explorar a questão do gênero como fator de opressão e segregação, considera-se a interseccionalidade e contexto urbano contemporâneos como junção de um processos históricos de supremacia e opressões. Isso se reflete no espaço a partir de necessidades e padrões hegemônicos, que não respondem adequadamente aos dilemas urbanos de forma horizontal.

Considerando-se, então, que toda ordem de produção produz o próprio espaço, as respostas às crises dos sistemas também são territorializadas. Assim, chegamos a um importante cerne do direito à cidade, vendo a cidade como lugar de conflito. Bourdieu & Wacquant (2007) formularam ideia do conflito como resultado de uma dupla dinâmica e dupla dimensão, a dimensão material e a dimensão simbólica – estando essas dimensões ligadas. Os conceitos presentes se opõem em dois campos, mesmo que não antagonicamente: campo normativo, que tende a definir objetivamente o que é “Direito à Cidade” e acaba tornando-se universal totalizante; e o campo simbólico utópico, afirmando o “Direito à Cidade” como uma utopia que aponta para uma nova sociedade não total universalizante.

O “Direito à Cidade” acaba sendo, portanto, uma possibilidade para construção do espaço comum, direito de criar direitos que não existem, direito de reapropriação de sua temporalidade e espacialidade, direitos de dimensão ideal e utópica - conceito que permite pensar uma nova forma capaz de reinventar a cidade no ideal social e humano.

Faranak Miraftab (2016), ao explorar os conceitos de “Espaços Inventados e Espaços Convidados”, define-os como conceitos dialéticos pertinentes à análise aqui apresentada. Espaços convidados podem ser descritos por espaços onde o poder público tenta, sob a fachada de participação popular, estabilizar padrões de dominação. A participação coletiva, assim, pode ser mecanismo de dominação, pois esses espaços convidados só interessam se for possível criar outros espaços, de produzir os “Espaços Inventados”, onde é possível insurgir e não apenas reproduzir modelos de dominação. “Espaços inventados” são vibrantes, de

resistências, de contraposições. Assim sendo, eles nos mostram que trabalhar com pequenas conquistas, micropolíticas e conflitos, sem perder o horizonte utópico da grande transformação rumo à cidade, é um processo capaz de construir significativas pontes. Direito à Cidade é uma esperança, nesse contexto, na qual o território tem que estar no centro da reflexão e atuação.

Lutas reais ocorrem nos territórios urbanos, sem necessariamente retornar diretamente ou conscientemente à Lefebvre (2008), pois são reflexo do padrão reproduzido e materializado nas cidades, que oprimem e disseminam essa desigualdade, na qual a única reação possível é a resistência. Assim, é importante descrever a função insurgente, revolucionária e resistente do Slam das Minas nesse contexto.

As batalhas de poesia de Slam ocorrem em diversos países pelo mundo, seguindo regras gerais similares como poesias autorais (decoradas ou lidas na hora), performadas em até três minutos, sem a utilização de figurino, cenário ou instrumento musical. Os jurados são selecionados aleatoriamente na plateia, que serão os responsáveis por dar notas de zero a dez aos slammers que se apresentam. Com rodadas eliminatórias, quem obtiver a maior média das notas nas rodadas até a final, vence.

Através de competições municipais, estaduais e nacionais, cada país tem seu representante nacional para participar do campeonato internacional, que ocorre em Paris (França). Obviamente, apesar das diferenças contextuais da poesia de cada país, todos se apresentam sob as mesmas regras e cada um no seu idioma, tendo a tradução para o francês e inglês aparecendo em um telão no dia do evento. Isso escancara a realidade de que o Slam é mais que literatura, é uma performance corporal. Roberta Estrela D'Alva, atriz-MC e slammer (poetisa) brasileira, responsável por trazer o Poetry Slam para o Brasil - em dezembro de 2008, ao fundar o ZAP! Slam em São Paulo - foi finalista da Copa do Mundo de 2011 em Paris, conquistando o terceiro lugar. Para ela:

Poderíamos definir o poetry slam, ou simplesmente slam, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, ele se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo mundo. (D'Alva, 2014: 109)

Portanto, a relação entre corpo, resistência e espaço público se faz presente com grande potência no universo da poesia de Slam e torna-se um “Espaço Inventado”. Para Renata Dornelles (apud Bastos et al., 2019: 7) “a reinvenção da poesia, da cidade, do corpo unem-se nos slams. É o momento de assumir a cidade como um território de disputa por intervenção da palavra” e nós acrescentamos aqui, do corpo.

3. Slam das Minas – Corpografia de Resistência

Para tentar ilustrar o corpo como modificador de ambiências, funcionando assim como forma de resistência às assimetrias e opressões recorrentes no espaço urbano sob a ótica interseccional de gênero, levanta-se o conceito de “Corpografias de Resistência” como unidade de análise do corpo na cidade, neste trabalho (Figura 01). Tais corpos possuem o potencial de conformar micropolíticas capazes de ressignificar o espaço público e suas ambiências, pautando um urbanismo insurgente rumo ao Direito à Cidade. O reconhecimento da relação de resistência entre os corpos de mulheres (trans, cis, não-binária – ou seja, toda aquela que se identifique como tal) e sua potência de transformação de ambiências no espaço público urbano é o foco de análise, resultando, portanto, em proposições metodológicas para a abordagem do tema.



Fig. 01: Esquema teórico-conceitual. Fonte: Mariana Valicente, 2019.

Brito e Jacques (2008) desenvolveram o conceito de corpografia associada às microrresistências, resultante do processo de espetacularização das cidades contemporâneas. Ao afirmarem que “uma corpografia urbana é um tipo de cartografia realizada por e no corpo, (...) o registro de sua experiência da cidade, uma espécie de grafia urbana da própria cidade vivida, que está inscrita, mas também molda o corpo de quem a experimenta” (Jacques, 2008: online), as autoras também demonstraram a reciprocidade dos atos entre espaços e corpos. Nesse caso, a cidade ganha corpo, incorporando as relações ativas e passivas entre sujeito e ambiente.

Assim, a escolha de um estudo de caso como o Slam das Minas se justifica por ser um acontecimento originalmente urbano, insurgente e de resistência no qual o corpo se projeta fazendo-se ambiência urbana de resistência, mesmo que por um período efêmero de tempo. As batalhas de poesia no Brasil transcendem a categoria literária e vão em direção ao urbanismo insurgente, à arte urbana e ao corpo político, ao conter vozes e corpos excluídos de direitos, marginalizados, oprimidos por um sistema que se alimenta das hierarquizações e hegemonias.

Ao lidar com o corpo – gesto, linguagem corporal, corpografias - alguns caminhos metodológicos são tensionados. Sob qual ótica será feita a compreensão desse corpo? A linguagem corporal, assim como a música, se relaciona aos sentidos, e transcrever pode ser uma missão não suficiente e limitadora, pois é preciso acima de tudo entender, interpretar e representar. Assim como a música conta com a partitura para colaborar com a representação da linguagem musical, o corpo conta com uma série de métodos e linguagens que se propõe a fazê-lo. No caso aqui abordado, opta-se pela compreensão desse corpo através de sua linguagem e movimento, entendendo padrões de imposição desse corpo no território. Ao propor que a corpografia de resistência possui a potência capaz de resignificar ambiências, saber ler esse corpo de resistência e entender seus movimentos é algo que transcende o papel do urbanista e por isso a busca de metodologias fora do campo foi necessária. Para compreender padrões desse corpo através de sua corpografia de resistência, recorre-se à análise biomecânica desses corpos. Assim, apresenta-se aqui uma nova proposta metodológica na tentativa de ilustrar essa linguagem corporal que se impõe no território e complementar as narrativas etnográficas das ambiências diante do contexto exposto.

4. Proposta metodológica Corpografia de Resistência

Ao trabalhar com a relação entre ambiências e corpos que a compõem - com suas performances, coreografias, linguagem e gestual - acreditando na capacidade de ambos de se afetarem e serem afetados, algumas

metodologias devem ser consideradas. Pela reconhecida complexidade em gerar narrativas que consigam traduzir experiências, tensionar as fronteiras metodológicas torna-se um desafio constante nas pesquisas qualitativas no meio urbano. A multidisciplinaridade necessária ao abordar a urbe induz conexões recorrentes da arquitetura e urbanismo com diversas áreas do saber, no caso dessa pesquisa, enfatiza-se a sociologia, antropologia, filosofia, psicologia e biomecânica. Compreender a junção dessas esferas do saber e como elas contribuem para a pesquisa é a primeira questão que deve ser resolvida ao optar pela metodologia.

Através de uma abordagem transdisciplinar do Software KINOVEA, que deriva da biomecânica e aqui se une às ciências sociais aplicadas, realizam-se análises cinemática simples, permitindo desdobramentos interpretativos diversos como observar, medir e comparar movimentos usando análise de vídeo bidimensional (2D). O uso deste software vai além de sua gratuidade e facilidade de uso, alcançando um potencial interpretativo ainda maior ao propor a análise do corpo sem sensores ou marcadores físicos. Assim, ele torna possível a captura de padrões de movimento dos corpos em qualquer contexto, seja de um corpo individualmente ou uma interação mais complexa entre corpos, que podem mudar a ambiência de um local.

É necessário ressaltar que esses padrões não visam em momento algum generalizar, universalizar ou reduzir a complexidade gestual, suas variações e potencialidades. Os padrões aqui usados servem apenas de referência para o Software KINOVEA ajudar a traduzir em imagens, dados e informações as corpografias propostas nesse artigo, sendo essas complementares à análise das ambiências no contexto de cada caso em estudo. Este software é capaz de fornecer um conjunto de ferramentas para capturar, diminuir a velocidade, estudar, comparar, anotar e medir desempenhos técnicos, sendo geralmente utilizado em análises biomecânicas dos corpos, como por exemplo, na prática de esportes ou atividades físicas. Com um potencial de uso diverso e preciso, acaba por ser apropriada aqui como ferramenta de registro de corpografias, gerando, por conseguinte, informações relacionais desse corpo e ambiente.

4.1 Parâmetros

A necessidade de estabelecer parâmetros e configurar o objeto de estudo nos levaram ao uso do software Kinovea em um estudo de caso piloto desta metodologia, desenvolvido em estágio doutoral na Aarhus Arkitekyskolen, apresentado neste artigo. Para a realização desse uso deve haver clareza da conformação do corpo em movimento e do que se pretende observar. Ao analisar movimentos e sua relação com espaço, e atribuir sentido (gestual, linguagem) é preciso ter consciência da dinamicidade e reciprocidade da ação, aceitando que dificilmente um software conseguiria sozinho absorver tudo em sua real complexidade. Diante disso, o cuidado da construção e definição de parâmetros em configurações experimentais auxiliam na melhor concepção dessa corpografia e em seu registro.

Ao analisar os corpos em movimento nas competições de poesia de Slam, percebe-se o protagonismo do movimento dos membros superiores, especialmente dos braços nas performances. Apesar de movimentos diversos de abaixar, levantar, caminhar em diversas direções, o braço é elemento que geralmente encontra-se sincronizado à fala e ao olhar, e à imposição desse corpo no espaço. O braço é, bem como a voz, elemento essencial de linguagem ao performatizar a poesia de Slam.

Embasando a escolha dos braços como marcadores dessa corpografia, apoiando-se em demais análises de corpografias de resistência das mulheres no espaço, e entendendo que para ser 'ouvido' o corpo precisa criar determinada postura, temos comumente o uso do punho cerrado como símbolo de diversos movimentos de resistência, dentre eles a luta feminista e antirracista. "Punhos levantados e cerrados são símbolos geralmente associados à resistência. Assim, em passeatas de trabalhadores, as palavras de ordem são ditas com um dos

punhos fechado e movimentado para o alto no ritmo do que é dito. O movimento Black Power também adotou um punho cerrado e levantado como seu símbolo.” (Camargo, 2011: 165).

Para Korff (1992) a mão torna-se uma alegoria de poder do trabalho no século XIX na Europa, aparecendo em muitas obras visuais, como exemplifica as obras “O Socialista” de Robert Koehler (1885) e o afresco “Indústria de Detroit” de Diego Rivera (1933) – figuras 02 e 03, respectivamente.

Dessa forma, a mão levantada e/ou em movimento associa-se às lutas e reivindicações da classe trabalhadora em busca de direitos, geralmente estando associados à causa socialista e pautas afirmativas de minorias oprimidas. O punho cerrado torna-se gesto símbolo de contestação política, havendo referências ainda no século XIX e sendo consolidado no século XX. Temos com isso a recorrência desse mesmo símbolo enfrentamento presente em diversos episódios de resistência como a Comuna de Paris (1871), dos Mártires de Chicago (1886), e na Revolta dos Boxers (1899-1901). Já no século XX, esse símbolo é amplamente usado como saudação vermelha na Revolução Russa (1917-1921), e como saudação anti-fascista na Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Não podemos esquecer das lutas nacionalistas e de descolonização na América, África e Ásia, do movimento feminista e do movimento negro que também utilizam o punho cerrado como forma simbólica de resistência. (Amaral apud Lima, 2016).



Fig. 02: O Socialista, Robert Koehler (1885). Fonte: The Deutsches Historisches Museum.

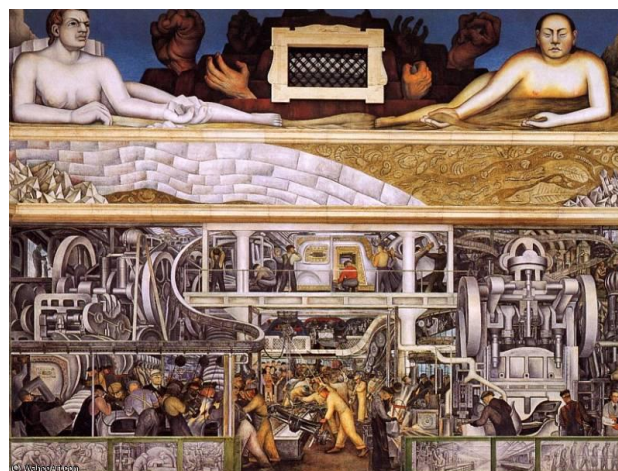


Fig. 03: Indústria de Detroit, Diego Rivera (1933). Fonte: Detroit Institute of Arts.

Como Albuquerque (2018) coloca, outro episódio emblemático foi nas Olimpíadas do México, em 1968, em que Tommie Smith e John Carlos, dois atletas negros, protestaram no pódio contra a discriminação racial em meio à luta pelos direitos civis nos EUA (Figura 04). O punho cerrado erguido no *podium*, juntamente com meias pretas e sem calçados, denunciando a pobreza consequência do racismo, foram um marco e identificado como a saudação *black power* usada pelos Panteras Negras.



Fig. 04: Tommie Smith and John Carlos, Mexico Olympics (1968). Fonte: NCAA Photos/Getty

Por fim, também na poesia de Slam o corpo político é posto em fala e ação, impondo-se no espaço, sendo gesto do punho fechado também é recorrente (Figura 07). Posto isso, a parte do corpo escolhida para locar o marcador de movimento foi o punho, podendo assim acompanhar sua trajetória e obter seu referencial de movimento no espaço.



Fig. 05: Mel Duarte, escritora, poeta e *slammer* durante performance. Fonte: Flip – “Festa Literária Internacional de Paraty”, 2016

Por fim, para o estudo piloto aqui apresentado, o Software foi usado da seguinte maneira: fotografias e vídeos das performances são capturados, sempre com algum referencial de medida (neste caso, o microfone), tornando possível a obtenção de dados quantitativos mais precisos, porém não absolutos, como velocidade, distância e aceleração. Na análise dos vídeos, são colocados no corpo marcadores que traçam a trajetória daquele corpo no espaço, nesse caso, conforme a conceituação defendida, foram os punhos. Após a fixação desses marcadores ao longo do vídeo, é possível ter como resultado o desenho das linhas desse corpo no espaço, sua área de movimentação, distância percorrida, velocidade, aceleração, dando margem para o

cruzamento entre os picos de movimento/velocidade e o que estava sendo dito no momento. Os desdobramentos interpretativos são diversos a partir dos dados oferecidos pelo software e interesse da pesquisa.

4.2 Teste Metodológico

Como experimento da metodologia, desenvolvida em conjunto entre pesquisadoras brasileiras durante um período de pesquisa na Dinamarca, os parâmetros estabelecidos foram testados usando o estudo de caso piloto da Poesia de Slam dinamarquesa, que segue o mesmo formato geral e regras do Slam Internacional, por conseguinte, do Brasil. O evento ocorreu no dia 21 de novembro de 2019, em um bar da *Student House* da Universidade de Aarhus. Por ser um evento em local fechado, coberto e falado em dinamarquês, o foco era exclusivamente o corpo em movimento, a performance. Os registros foram feitos pelo celular e apesar de ter como ideal a captura de uma visão frontal e outra lateral do corpo, pela disposição do público no espaço nesse evento, só foi possível a filmagem frontal. Nessa lógica, o corpo conta com dois eixos, o X e o Y, iniciando (marco 0;0 do gráfico) no ponto inicial da marcação feita (punhos). O eixo X corresponde ao movimento horizontal (direita/esquerda) e o eixo Y ao movimento vertical (cima/baixo), como mostram as figuras 08 e 09.



Fig. 06: Locação dos marcadores no punho. Fonte: Mariana Valicente, 2019.



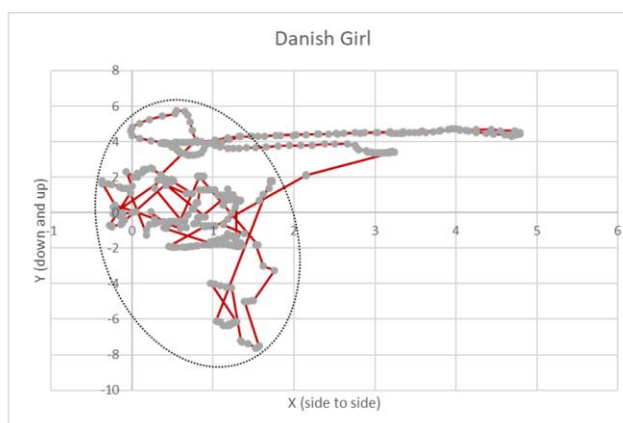
Fig. 07: Trajetória do punho durante a performance. Fonte: Mariana Valicente, 2019.

Ao final da locação dos marcadores nos punhos ao longo de todo o vídeo gravado, a leitura da corpografia de resistência é feita pelo registro da trajetória dos marcadores do espaço, além de fornecer dados correspondentes ao tempo e à distância nos eixos X e Y, resultando em uma planilha a ser interpretada (Figura 10).

Key Images		
Title	Time	
0:00:23:81	0:00:42:29	
0:00:43:33	0:01:01:81	
0:01:18:71	0:01:37:18	
0:02:01:08	0:02:19:56	
0:02:01:25	0:02:19:72	

Lines		
Length (cm)	Time	Key Image
10	0:00:42:29	0:00:23:81

Track		
Label :	Label	
Coords (x,y;cm; t:time)		
x	y	t
0	0	0:00:00:00
-0,14	-0,05	0:00:00:03
-0,12	-0,07	0:00:00:06
-0,12	-0,05	0:00:00:09
-0,12	-0,05	0:00:00:13
-0,12	-0,05	0:00:00:16
-0,12	-0,05	0:00:00:19
-0,12	-0,05	0:00:00:23
-0,12	-0,05	0:00:00:26



Distância X: 693,25 cm
Distância Y: 655,22 cm

Fig. 8: Planilha quantitativa da análise cinética do corpo pelo software Kinovea. Fonte: Autores, 2020.

Como projeto piloto e experimental, as interpretações de dados ainda estão em análise, porém como resultado parcial da corpografia de resistência temos algumas conclusões de potenciais de aplicação e possíveis desdobramentos. Através da tabela foi gerado um gráfico que registra o desenho desse corpo no espaço, bem como a sua área de maior concentração de movimentação (elipse). Com a somatória das trajetórias dos marcadores nos eixos X e Y chegamos à distância percorrida de 6,93 m (X) e 6,55 (Y). Apesar da pequena diferença nota-se que os punhos percorreram a maior distância na horizontal.

Como desdobramentos desses valores podemos calcular a velocidade média em cada eixo e também chegar à aceleração e também à palavra dita no momento de maior/menor velocidade/aceleração. Além disso, percebemos que o desenho desse corpo no espaço pode estar contido em uma Elipse, cuja área é capaz de demonstrar a expansão desse corpo em movimento no espaço durante determinado tempo, valor interessante quando se propõe analisar este corpo conformando uma ambiência de resistência.

Acredita-se, portanto, que todos esses dados analisados em conjunto no contexto da Poesia de Slam das Minas-BR, com todo seu natural caráter político e de resistência, locado no espaço público, é capaz de ilustrar esse corpo de resistência capaz de alterar a atmosfera urbana durante a sua performance. Para tal, como etapa posterior à análise desses dados quantitativos temos seu cruzamento com a etnografia urbana e suas ambiências, locando enfim esse corpo de resistência em uma ambiência de resistência sob a ótica interseccional de gênero no espaço público urbano.

5. Considerações finais

A intenção deste trabalho, que é parte de uma pesquisa muito mais abrangente, não é o de criar um padrão ou generalização para qualquer comportamento, porque, justamente, é desenvolvido num recorte delimitado atento ao seu contexto e escala de atuação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, justificada e suportada com

dados quantitativos, sem pretensões de alcançar uma afirmativa universal que possa criar um ponto de vista reducionista no contexto urbano. A pesquisa qualitativa de enfoque subjetivo não pode ser generalizada, por essência, como sabido. Por isso, a necessidade de união de métodos de análise, procurando organizar as informações, sem criar um escopo rígido para um assunto de natureza fluida e efêmera, surge como o caminho necessário para a fundação das respostas.

A construção dessa pesquisa se dá pelos caminhos escolhidos para lidar com as questões que surgem em seu processo analítico e reflexivo, tornando-se passível de avaliações, críticas, modificações, complementações e desdobramentos. Mas, preliminarmente, podemos afirmar que os resultados dos gráficos analisados permitem a percepção corporal enquanto performance e sua potência enquanto ambiência de resistência. Esta consideração permite aprofundamentos e desdobramentos que contribuem para a discussão do urbanismo insurgente em busca do direito à cidade.

Referências

- Albuquerque, E. M. de. (2018, outubro 29). *Design gráfico em tempos de ativismo* [MasterThesis]. Universidade Federal de Pernambuco. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/34595>
- Anderson, B., & Ash, J. (2015). Atmospheric Methods. In P. Vannini, *Non-Representational Methodologies: Re-Envisioning Research* (p. 34–51). Routledge Publishing.
- Aristóteles. (2002). *A política*. Martins Fontes.
- Bastos, M., Teodoro, T., Martins, M., Araújo, L., Felix, M., Kimani, Conceição, L., Midria, Duarte, M., & Pacha, A. (2019). *Empoderamento feminino* (E. Alcaide, Org.). Autonomia Literária.
- Bestetti, M. L. T. (2014). Ambiência: Espaço físico e comportamento. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 17, 601–610.
- Bourdieu, P., & Wacquant, L. J. D. (2007). *Una invitación a la sociología reflexiva*. Siglo XXI Argentina Editores.
- Camargo, M. A. (2011). “Manifeste-se, faça um zine!”: Uma etnografia sobre “zines de papel” feministas produzidos por minas do rock (São Paulo, 1996-2007). *Cadernos Pagu*, 36, 155–186.
- Cazal, R. L'empathie en architecture. Pour une nouvelle compréhension de l'habitation de l'espace. Palestra proferida no âmbito das Rencontres Morel, Pointcultures, Bruxelas. Disponível em : www.youtube.com/watch?v=EfZNg1uFDDA . Publicado em 26 de junho de 2014
- D'Alva, R. E. (2014). *Teatro hip-hop: A performance poética do ator-MC*. Perspectiva.
- Falabretti, E. (2010). A PRESENÇA DO OUTRO: INTERSUBJETIVIDADE NO PENSAMENTO DE DESCARTES E DE MERLEAU-PONTY. *Revista de Filosofia Aurora*, 22(31), 515. <https://doi.org/10.7213/rfa.v22i31.2533>
- Ferraz Júnior, T. S. (2001). *Introdução ao estudo do direito: Técnica, decisão, dominação*. Ed. Atlas.
- Harvey, D. (2012). O direito à cidade. *Lutas Sociais*, 0(29), 73–89.
- Jacques, P. B. (2008). Corpografias urbanas. *Arquitextos* 093.07, 08(Vitruvius). <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>

Korff, G. (1992). From Brotherly Handshake to Militant Clenched Fist: On Political Metaphors for the Worker's Hand. *International Labor and Working-Class History*, 42, 70–81. <https://doi.org/10.1017/S0147547900011236>

Lefebvre, H. (2001). *O Direito à Cidade*. Centauro.

Lefebvre, H. (2008). *A revolução urbana* (S. Martins, Trad.). Editora UFMG.

LIMA, J. (2016). *Qual o significado do gesto de levantar o braço com o punho fechado*. Nexo Jornal. <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/06/24/Qual-o-significado-do-gesto-de-levantar-o-bra%C3%A7o-com-o-punho-fechado>

Loroux, N. (1989). *Les expériences de Tirésias: Le féminin et l'homme grec*. Gallimard.

Miraftab, F. (2016). Insurgência, planejamento e a perspectiva de um urbanismo humano. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, 18(3), 363. <https://doi.org/10.22296/2317-1529.2016v18n3p363>

Nogueira, S., Aquino, T., & Cabral, E. (2017). *Dossiê: A geografia dos corpos das pessoas trans*. Aracaju: Rede Trans Brasil. <http://redetransbrasil.org.br/wp-content/uploads/2019/01/A-Geografia-dos-Corpos-Trans.pdf>

Souza, M. O território: sobre espaço e poder. autonomia e desenvolvimento. In CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.77-116.

Waiselfsz, J. (2016). *Mapa da Violência 2016: Homicídios por arma de fogo no Brasil*. Brasília: FLACSO. http://flacso.org.br/files/2016/08/Mapa2016_armas_web-1.pdf